

RELIGIOSIDADE, CONSCIÊNCIA MORAL E CULPA RELIGIOSA: APROXIMAÇÕES ENTRE A FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO, A LOGOTERAPIA E A FILOSOFIA EXISTENCIAL

RELIGIOSITY, MORAL CONSCIENCE, AND RELIGIOUS GUILT: AN INTEGRATIVE
DIALOGUE BETWEEN THE PHENOMENOLOGY OF RELIGION, LOGOTHERAPY, AND
EXISTENTIAL PHILOSOPHY

RELIGIOSIDAD, CONCIENCIA MORAL Y CULPA RELIGIOSA: UN DIÁLOGO
INTEGRADOR ENTRE LA FENOMENOLOGÍA DE LA RELIGIÓN, LA LOGOTERAPIA Y
LA FILOSOFÍA EXISTENCIAL

Tales Paulino Guimarães de Sales¹

Gabriela Barbosa Pacheco²

Maria Clara da Silva Lima³

Ligia Alvarez de Oliveira⁴

Rodolfo de Melo Nunes⁵

Rodrigo Bandeira de Oliveira e Silva⁶

Lucas Wagner Brígido Feitosa⁷

RESUMO: A religião e a religiosidade constituem fenômenos complexos e multidimensionais que permanecem centrais para a compreensão da existência humana. Este estudo teve como objetivo analisar as convergências teóricas entre a fenomenologia da religião de Mircea Eliade, a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl e a filosofia existencial de Søren Kierkegaard, buscando compreender como os conceitos de *homo religiosus*, busca de sentido, dimensão espiritual, consciência moral e culpa religiosa contribuem para uma interpretação fenomenológico-existencial da experiência religiosa. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura, fundamentada em obras clássicas e publicações científicas das áreas da Psicologia, Filosofia e Ciência da Religião. A análise evidenciou que a religiosidade transcende os limites institucionais e doutrinários, constituindo uma dimensão existencial relacionada à liberdade, à responsabilidade e à atribuição de sentido. Além disso, a culpa religiosa foi compreendida como uma expressão específica da culpa existencial, capaz de favorecer o autoconhecimento, a responsabilização pessoal e a transformação existencial por meio da reconstrução do sentido e da relação com o transcendente.

Palavras-chave: Religião. Logoterapia. Consciência moral. Culpa religiosa.

¹Especialista em Psicologia fenomenológica Faculdade Iguaçu, FI, Brasil. Professor de Psicologia UNIJAGUARIBE, Psicólogo – UNIJAGUARIBE.

²Especialista em Logoterapia e Desenvolvimento Humano - IPLLOGO, Brasil. Psicóloga – UniAcademia.

³Discente de Psicologia – UNIJAGUARIBE.

⁴Psicóloga - Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS.

⁵Doutor em Ciências Médicas – UFC. Professor Adjunto – UNILAB. Farmácia – UFC.

⁶Mestrado em Filosofia - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Psicólogo – UniAcademia.

⁷Mestre em Psicologia – UFC. Professor de Psicologia – UNIJAGUARIBE. Psicólogo – UFC.

ABSTRACT: Religion and religiosity constitute complex and multidimensional phenomena that remain central to understanding human existence. This study aimed to analyze the theoretical convergences between Mircea Eliade's phenomenology of religion, Viktor Frankl's Logotherapy and Existential Analysis, and Søren Kierkegaard's existential philosophy, seeking to understand how the concepts of *homo religiosus*, search for meaning, spiritual dimension, moral conscience, and religious guilt contribute to a phenomenological-existential interpretation of religious experience. This qualitative exploratory study employed a narrative literature review based on classical works and scientific publications in the fields of Psychology, Philosophy, and Religious Studies. The analysis demonstrated that religiosity transcends institutional and doctrinal boundaries, constituting an existential dimension related to freedom, responsibility, and meaning-making. Furthermore, religious guilt was identified as a specific expression of existential guilt, capable of promoting self-awareness, personal responsibility, and existential transformation through the reconstruction of meaning and the relationship with the transcendent.

Keywords: Religion. Logotherapy. Moral conscience. Religious guilt.

RESUMEN: La religión y la religiosidad constituyen fenómenos complejos y multidimensionales que continúan siendo fundamentales para comprender la existencia humana. Este estudio tuvo como objetivo analizar las convergencias teóricas entre la fenomenología de la religión de Mircea Eliade, la Logoterapia y el Análisis Existencial de Viktor Frankl y la filosofía existencial de Søren Kierkegaard, con el propósito de comprender cómo los conceptos de *homo religiosus*, búsqueda de sentido, dimensión espiritual, conciencia moral y culpa religiosa contribuyen a una interpretación fenomenológico-existencial de la experiencia religiosa. Se trata de una investigación exploratoria con enfoque cualitativo, desarrollada mediante una revisión narrativa de la literatura basada en obras clásicas y publicaciones científicas de los campos de la Psicología, la Filosofía y la Ciencia de la Religión. El análisis mostró que la religiosidad trasciende los límites institucionales y doctrinales, constituyendo una dimensión existencial vinculada a la libertad, la responsabilidad y la construcción de sentido. Asimismo, la culpa religiosa fue comprendida como una manifestación específica de la culpa existencial, capaz de favorecer el autoconocimiento, la responsabilidad personal y la transformación existencial mediante la reconstrucción del sentido y de la relación con lo trascendente.

Palabras clave: Religión. Logoterapia. Conciencia moral. Culpa religiosa.

INTRODUÇÃO

A relação entre religião, religiosidade e experiência humana permanece como um dos temas mais complexos e relevantes das ciências humanas e da saúde. Embora, durante parte do século XX, tenha predominado a hipótese de que o avanço da racionalidade científica conduziria ao declínio da religião, as transformações sociais das últimas décadas apontam para um cenário distinto. Observa-se não apenas a permanência das tradições religiosas institucionalizadas, mas também o crescimento de formas individualizadas de espiritualidade e religiosidade, indicando que a busca pelo transcendente continua desempenhando papel significativo na constituição da

experiência humana (EVANS; LESAGE; CORICHI, 2025; IBGE, 2025).

Nesse contexto, a Psicologia passou a reconhecer a religião e a espiritualidade como objetos legítimos de investigação científica. Estudos recentes demonstram que esses fenômenos participam da construção de significados, da elaboração do sofrimento, dos processos identitários e das estratégias de enfrentamento das situações-limite, exigindo abordagens que transcendam interpretações exclusivamente biológicas, sociais ou psicodinâmicas (AQUINO, 2014; COELHO, 2021). Assim, compreender a experiência religiosa implica reconhecer seu caráter multidimensional, contemplando simultaneamente suas dimensões histórica, cultural, simbólica e existencial.

Sob essa perspectiva, a fenomenologia oferece um referencial particularmente fecundo para a compreensão do fenômeno religioso, por privilegiar a descrição da experiência vivida em detrimento de interpretações reducionistas. Em Mircea Eliade, a religião é compreendida como expressão de uma estrutura constitutiva da existência humana, na qual o sagrado se manifesta por meio de símbolos, mitos e hierofanias que conferem sentido e organização à experiência do mundo (Eliade, 1992; 2008). Em perspectiva convergente, Viktor Frankl, ao desenvolver a Logoterapia e a Análise Existencial, compreende a religiosidade como uma possibilidade própria da dimensão espiritual da pessoa, vinculando-a à busca de sentido, à liberdade e à responsabilidade existenciais, sem que isso implique a adoção de uma posição confessional pela psicoterapia (FRANKL, 2022; 2024).

3

Embora provenientes de campos distintos — respectivamente, a História das Religiões e a Psicologia Existencial —, Eliade e Frankl convergem ao reconhecer que o ser humano possui a capacidade de transcender a dimensão objetiva da realidade e de atribuir significado à própria existência por meio da experiência do sagrado. O diálogo entre essas perspectivas amplia a compreensão do fenômeno religioso para além de seus aspectos institucionais, evidenciando sua relevância tanto antropológica quanto psicológica.

Além dessas aproximações, a filosofia existencial de Søren Kierkegaard oferece importantes contribuições para a compreensão da religiosidade ao enfatizar categorias como liberdade, angústia, pecado e responsabilidade. Sua reflexão permite aprofundar a análise da culpa religiosa como experiência existencial decorrente da condição humana diante da possibilidade da escolha. Em articulação com a concepção frankliana de consciência moral, essas categorias possibilitam compreender a culpa religiosa não apenas como consequência da transgressão de normas morais ou religiosas, mas como expressão da tensão entre liberdade,

responsabilidade e busca de sentido, própria da existência humana.

Nesse horizonte teórico, a relação entre Eliade, Frankl e Kierkegaard possibilita uma abordagem fenomenológico-existencial da religiosidade que supera interpretações estritamente institucionais, moralistas ou reducionistas. Tal perspectiva permite compreender a experiência do sagrado como um fenômeno constitutivo da existência humana, no qual a consciência moral, a liberdade e a atribuição de sentido se articulam de maneira dinâmica na construção da experiência religiosa contemporânea.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar as aproximações entre a fenomenologia da religião de Mircea Eliade, a Logoterapia de Viktor Frankl e a filosofia existencial de Søren Kierkegaard, buscando compreender de que modo a estrutura do *homo religiosus*, a busca por sentido, a dimensão espiritual da consciência e a experiência da culpa religiosa contribuem para uma interpretação fenomenológico-existencial da religiosidade e da experiência do sagrado na contemporaneidade.

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura. Esse delineamento foi adotado em razão da necessidade de compreender e discutir a religiosidade e a culpa religiosa como fenômenos da experiência humana, tomando como referencial teórico a Logoterapia e a Análise Existencial de Viktor Emil Frankl, em diálogo com contribuições da Filosofia Existencial, da Psicologia e da Ciência da Religião. Como principais referenciais teóricos, foram selecionadas as obras de Viktor Emil Frankl, Mircea Eliade e Søren Kierkegaard.

Segundo Lösch et al. (2023), a pesquisa exploratória de abordagem qualitativa busca compreender o fenômeno investigado em sua manifestação concreta e contextual, preservando sua complexidade. Nessa perspectiva, privilegia-se uma compreensão descritiva e interpretativa do objeto de estudo, articulando os dados ao problema de pesquisa e evitando sua redução a variáveis isoladas.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de consultas às bases Google Scholar, SciELO, PePSIC, Portal de Periódicos CAPES e Portal de Periódicos da PUCRS, complementado pela análise das obras clássicas de Viktor Emil Frankl consideradas fundamentais para a construção do referencial teórico. Para a estratégia de busca, utilizaram-se, de forma isolada e combinada, os seguintes descritores: religião, religiosidade, espiritualidade,

logoterapia, consciência moral, culpa religiosa, sentido da vida, hierofania, sagrado, homo religiosus e fenomenologia.

Foram incluídas publicações em português, inglês e espanhol que abordassem diretamente os descritores selecionados, priorizando livros clássicos, artigos científicos revisados por pares e obras de referência relacionadas ao objeto de estudo. Foram excluídos estudos duplicados, publicações sem acesso ao texto completo e trabalhos que não apresentassem relação direta com os objetivos da pesquisa.

Após a seleção do material, realizou-se a leitura integral das obras, seguida de análise interpretativa, buscando identificar convergências e divergências entre os referenciais teóricos. A interpretação dos dados foi conduzida por meio de análise temática, organizando-se a discussão em três eixos centrais: (a) religião e religiosidade como fenômenos simbólicos da experiência humana; (b) a compreensão da religiosidade na Logoterapia; e (c) a culpa religiosa e a consciência moral na perspectiva fenomenológico-existencial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A RELIGIÃO ENQUANTO FENÔMENO SIMBÓLICO DA NATUREZA HUMANA

5

Compreender a religião e a religiosidade constitui uma tarefa complexa, tendo em vista as diferentes áreas do conhecimento por meio das quais esses fenômenos podem ser abordados, como a Teologia, a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia. Eliade (2008), uma das principais referências no estudo da História das Religiões, considera que não existem fenômenos religiosos "puros". Para o autor, toda manifestação religiosa é, simultaneamente, humana, social, histórica, linguística e cultural. Assim, qualquer investigação sobre o tema requer uma perspectiva capaz de abarcar sua natureza multidimensional, em oposição ao reducionismo¹. A religião apresenta-se, portanto, como um fenômeno complexo da experiência humana, cuja compreensão demanda um diálogo interdisciplinar (ELIADE, 2008; COELHO, 2021).

Para tanto, faz-se necessário esclarecer os conceitos de religião e religiosidade. A noção de religião está, tradicionalmente, associada à dimensão institucional da experiência do sagrado. Segundo o *Dicionário de Filosofia* (ABBAGNANO, 2007), ela pode ser compreendida como a crença em uma garantia sobrenatural de salvação, vinculada às práticas destinadas à sua

obtenção ou conservação, como rituais, cultos e cerimônias. Tais práticas podem ocorrer tanto na esfera privada quanto na pública, conforme as diferentes tradições religiosas.

A religiosidade, por sua vez, refere-se à dimensão subjetiva da experiência religiosa, isto é, à forma singular pela qual o indivíduo vivencia sua relação com o sagrado. Nesse sentido, Siqueira (2013) estabelece uma distinção importante entre os dois conceitos: enquanto a religião está associada a sistemas organizados de crenças, normas e autoridades religiosas, a religiosidade corresponde à maneira pela qual cada pessoa se relaciona com o transcendente, podendo manifestar-se inclusive de forma independente de vínculos institucionais formais (SIQUEIRA, 2013).

Essa relação com o transcendente constitui um percurso histórico complexo, que se estende das primeiras manifestações do sagrado na pré-história às concepções religiosas contemporâneas. Nas culturas arcaicas, a experiência do sagrado manifestava-se de forma profundamente vinculada aos fenômenos da natureza. Posteriormente, com o desenvolvimento do pensamento clássico e a consolidação das grandes tradições monoteístas, essa experiência passou por um processo de sistematização e institucionalização, estruturando-se por meio de dogmas, liturgias e ritos.

Na modernidade, embora essas formas institucionais permaneçam presentes, observa-se um deslocamento gradual da transcendência para uma vivência mais pessoal, compreendida como dimensão constitutiva da condição humana e de sua busca permanente por sentido (ELIADE, 1992; CHAUI, 2002; FRANKL, 2023).

Conforme destaca Chauí (2002), a experiência religiosa estabelece uma relação com a sociedade marcada por funções organizadoras da realidade. A religião contribui para que indivíduos e coletividades construam significados acerca da origem, do destino e do sentido da existência, qualificando simbolicamente espaços, tempos e objetos. Tais significados constituem constructos culturais continuamente reinterpretados pelos diferentes grupos humanos, sustentando religiões e distintas formas de compreender a existência (PETERS, 2015).

Sob essa perspectiva, a compreensão da religião e da religiosidade pode ser aprofundada a partir da clássica distinção entre o sagrado e o profano proposta por Eliade. O sagrado refere-se à experiência de uma realidade percebida como superior à condição humana ordinária, que rompe a homogeneidade da existência cotidiana e lhe confere um novo significado. O profano, em contraste, corresponde ao espaço-tempo comum, desprovido desse caráter transcendente. A

religião emerge, portanto, da tensão estabelecida entre essas duas dimensões da experiência humana (CHAUÍ, 2002; ELIADE, 2008).

Para Eliade (2008), a manifestação do sagrado no mundo recebe o nome de **hierofania**, conceito que designa toda irrupção do sagrado no espaço-tempo profano, tornando determinados objetos ou lugares qualitativamente distintos do restante da realidade. Uma pedra, uma árvore, uma montanha ou um templo deixam de ser percebidos apenas como elementos materiais e passam a revelar uma realidade que os transcende. Não são venerados em si mesmos, mas em razão da dimensão sagrada que manifestam.

As hierofanias apresentam caráter universal, estando presentes nas mais diversas culturas e tradições religiosas. Teofanias, milagres, lugares sagrados e objetos santificados constituem exemplos dessas manifestações, funcionando como mediações entre o humano e o divino. Conforme Eliade (2008), é justamente por meio da sucessão e da preservação das hierofanias que se estruturam os mitos, os ritos e os símbolos religiosos, expressando uma necessidade constitutiva da própria condição humana.

Nessa perspectiva, os símbolos religiosos desempenham papel fundamental na história da humanidade. De acordo com Guerriero (2006), o processo de simbolização, resultante da evolução humana ao longo do tempo, foi decisivo para o surgimento da religião e da religiosidade, pois possibilitou expressar e comunicar experiências que ultrapassam os limites da linguagem ordinária, conectando indivíduos e comunidades às dimensões consideradas transcendentais.

É nesse contexto que Eliade (1992; 2008) desenvolve o conceito de *homo religiosus*. Para o autor, a religiosidade não decorre de uma escolha meramente intelectual, mas constitui uma dimensão antropológica inerente à própria estrutura da consciência humana. O ser humano religioso recusa viver em um universo puramente caótico e profano, buscando continuamente uma realidade que transcenda a existência imediata e lhe atribua significado.

O *homo religiosus* distingue-se do homem moderno, sobretudo, pela forma como interpreta o mundo. Para este último, uma montanha representa apenas uma formação geológica; para o homem religioso, entretanto, ela pode constituir um centro sagrado, como o Monte Sinai ou o Monte Olimpo. Embora a modernidade tenha promovido um processo de racionalização e dessacralização da realidade, transformando muitos símbolos religiosos em conceitos psicológicos ou utilitários, Eliade sustenta que o homem moderno jamais consegue

desvincular-se completamente de sua estrutura de *homo religiosus*, preservando, ainda que de maneira ressignificada, sua dimensão simbólico-religiosa (ELIADE, 1992; 2008).

Essas reflexões permanecem atuais. Apesar das profundas transformações na relação entre sociedade e religião, os dados contemporâneos demonstram que a experiência religiosa continua amplamente presente em diferentes culturas. Além da permanência das religiões institucionalizadas, observa-se o crescimento de formas individualizadas de espiritualidade e religiosidade. Mesmo desvinculados de instituições religiosas formais, muitos indivíduos continuam organizando sua experiência por meio de símbolos continuamente reinterpretados e ressignificados, evidenciando que a estrutura do sagrado e do *homo religiosus* permanece ativa na constituição dos sistemas de significados humanos (IBGE, 2022; EVANS; LESAGE; CORICHI, 2025; ELIADE, 2008).

O FENÔMENO RELIGIOSO NA LOGOTERAPIA

O neurologista e psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl, criador da Logoterapia e da Análise Existencial, desenvolveu ao longo de sua obra uma compreensão fenomenológica e existencial da religiosidade, reconhecendo-a como um aspecto relevante para a compreensão da existência humana (AQUINO, 2014). Entretanto, embora atribua importância ao fenômeno religioso, Frankl não fundamenta sua teoria em pressupostos confessionais nem adota qualquer posicionamento favorável ou contrário às diferentes tradições religiosas (FRANKL, 2022). Dessa forma, a Logoterapia não pode ser caracterizada como uma abordagem psicológica de orientação religiosa ou ateuista, uma vez que seu interesse recai sobre a religião enquanto fenômeno humano passível de investigação científica (FRANKL, 2019a; 2022).

Nessa perspectiva, Frankl compreende que a religião ocupa, na Logoterapia, a condição de objeto de estudo, e não de fundamento teórico ou pressuposto filosófico da abordagem (FRANKL, 2019a). Tal compreensão, contudo, não reduz sua relevância. Pelo contrário, a religiosidade constitui um fenômeno de grande interesse para a análise existencial, pois influencia diretamente a maneira pela qual muitas pessoas interpretam a própria existência e atribuem significado às experiências vividas (FRANKL, 2022).

A importância atribuída por Frankl ao fenômeno religioso decorre, inicialmente, daquilo que denomina definição operacional de Deus. Sob essa perspectiva, Deus não é concebido como uma definição dogmática ou estritamente teológica, mas como a instância para a qual o indivíduo dirige seus diálogos mais íntimos, sobretudo diante das questões fundamentais da

existência. Nos momentos de maior autenticidade, solidão e reflexão, o ser humano tende a estabelecer um diálogo interior voltado àquilo que reconhece como sua referência última de sentido (FRANKL, 2019b).

Essa concepção, entretanto, não pressupõe necessariamente a existência de uma crença religiosa. Frankl observa que tanto indivíduos religiosos quanto ateus vivenciam questionamentos existenciais profundos e estabelecem diálogos interiores acerca das grandes questões da vida. Assim, a definição operacional de Deus não corresponde propriamente a uma concepção teísta, mas designa a instância diante da qual o indivíduo assume sua responsabilidade existencial. Essa instância pode ser compreendida como uma alteridade transcendente ou como a própria consciência moral, dependendo da interpretação pessoal de cada sujeito (FRANKL, 2019b; 2024).

A compreensão da consciência, nesse contexto, refere-se especificamente à consciência moral (*Gewissen*), distinguindo-se da consciência psicológica (*Bewusstsein*), uma vez que sua função consiste em orientar eticamente a existência humana e possibilitar a percepção das responsabilidades inerentes à realização de sentido³ (FRANKL, 2024).

Essa concepção relaciona-se diretamente à antropologia filosófica desenvolvida por Frankl. Segundo o autor, a existência humana caracteriza-se pela permanente responsabilidade diante da necessidade de realizar sentido em cada situação concreta da vida (FRANKL, 2020). Sob uma perspectiva fenomenológica, essa responsabilidade nunca se apresenta de forma abstrata, mas sempre em relação a alguma instância de referência, como a humanidade, a sociedade, a consciência moral ou o próprio divino (FRANKL, 2015).

Nesse contexto, a religiosidade representa uma maneira particular de compreender essa responsabilidade existencial. O indivíduo religioso interpreta suas escolhas e ações como realizadas diante de Deus, atribuindo à transcendência o papel de referência última para sua existência. Consequentemente, a consciência moral deixa de constituir o horizonte final da responsabilidade humana, assumindo uma posição intermediária diante daquilo que o sujeito reconhece como realidade transcendente (FRANKL, 2024).

Essa compreensão explica por que a religião ocupa posição de destaque entre os fenômenos investigados pela Logoterapia. Se a realização de sentido constitui a principal motivação da existência humana (FRANKL, 2020) e, para muitas pessoas, essa realização encontra-se intimamente relacionada à experiência religiosa (FRANKL, 2024), então a investigação da religiosidade torna-se indispensável para compreender a maneira pela qual

diferentes indivíduos atribuem significado às próprias experiências. Por essa razão, embora a religião não constitua fundamento teórico da Logoterapia, ela representa um fenômeno de elevado interesse para a compreensão da existência humana (FRANKL, 2019a; 2019b; 2022).

Além da relação entre religiosidade e responsabilidade existencial, Frankl destaca outro aspecto fundamental: o caráter espontâneo da experiência religiosa. Para o autor, a autenticidade da religiosidade depende essencialmente da liberdade humana. A fé somente possui valor existencial quando decorre de uma decisão pessoal, jamais de imposições externas ou de condicionamentos produzidos por terceiros (FRANKL, 2022).

Nessa perspectiva, a religião deixa de ser compreendida apenas como um conjunto de crenças ou práticas institucionais e passa a ser entendida como uma possibilidade existencial que somente se concretiza quando livremente assumida pelo indivíduo. Xausa (2019) observa que a experiência religiosa pressupõe uma decisão pessoal diante da transcendência, sendo precisamente essa liberdade que confere autenticidade à vivência da fé.

Essa compreensão possui importantes implicações para a prática psicoterapêutica. Uma vez que a religiosidade depende da liberdade existencial do sujeito, ela não pode ser produzida ou estimulada artificialmente durante o processo terapêutico. Frankl considera inadequada qualquer tentativa de conduzir o paciente à adoção de crenças religiosas, pois tal procedimento

10

descaracterizaria tanto a liberdade da pessoa quanto a própria natureza da experiência religiosa (FRANKL, 2019b; 2022).

Da mesma forma, os possíveis benefícios psicológicos decorrentes da religião somente podem manifestar-se quando a experiência religiosa emerge de forma espontânea. Quando assumida exclusivamente por influência externa, conveniência ou imposição, a religiosidade perde precisamente o elemento que lhe confere significado existencial: a liberdade da decisão pessoal. Assim, para Frankl, os efeitos positivos eventualmente associados à religião não decorrem simplesmente da adesão a determinado sistema de crenças, mas da autenticidade com que essa experiência é vivida (FRANKL, 2022).

A compreensão da religiosidade proposta por Frankl também exige uma análise da relação entre religião e psicoterapia, sobretudo quanto aos possíveis efeitos da experiência religiosa sobre a saúde psíquica. Em *Psicoterapia e sentido da vida*, o autor estabelece uma distinção clara entre os objetivos dessas duas áreas do conhecimento. Enquanto a psicoterapia tem como finalidade favorecer a saúde psíquica e auxiliar o indivíduo no enfrentamento do

sofrimento existencial, a religião orienta-se para uma finalidade própria, relacionada à dimensão espiritual da existência e àquilo que compreende como salvação (FRANKL, 2019a).

Embora possuam objetivos distintos, Frankl não considera que psicoterapia e religião sejam incompatíveis. Ao contrário, sustenta que a experiência religiosa pode produzir efeitos benéficos sobre a vida psíquica, ainda que tais efeitos não constituam sua finalidade primordial. Assim, a melhora psicológica eventualmente observada em pessoas religiosas deve ser compreendida como uma consequência indireta da vivência da fé, e não como seu objetivo principal (FRANKL, 2019a; 2022).

Sob essa perspectiva, a religião pode favorecer recursos psicológicos importantes para o enfrentamento do sofrimento humano, como a esperança, a confiança, a segurança existencial e a percepção de que a vida permanece dotada de significado mesmo diante da dor e das limitações impostas pela existência. Segundo Frankl, o vínculo estabelecido com a transcendência proporciona ao indivíduo um referencial estável para interpretar sua realidade, favorecendo um sentimento de ancoragem existencial dificilmente alcançado por outros meios (FRANKL, 2019a).

Em consonância com essa compreensão, Xausa (2019) observa que a experiência religiosa pode exercer efeitos psicoterapêuticos e profiláticos ao favorecer o enfrentamento das adversidades e fortalecer os recursos internos do indivíduo. Tais benefícios, entretanto, não decorrem simplesmente da adesão formal a uma religião, mas da vivência autêntica da espiritualidade e da abertura existencial à transcendência (XAUSA, 2019).

Apesar dessa aproximação entre religião e saúde psíquica, Frankl ressalta que ambas pertencem a planos ontológicos distintos. A psicoterapia permanece circunscrita à dimensão humana da existência, enquanto a religião dirige-se a uma realidade que transcende a condição humana, caracterizada pelo autor como uma dimensão ultra-humana ou supra-humana (FRANKL, 2022). Dessa forma, ainda que possam dialogar, religião e psicoterapia não se confundem quanto aos seus fundamentos nem quanto às suas finalidades.

Para ilustrar essa distinção, Frankl utiliza uma analogia envolvendo um animal submetido a procedimentos dolorosos durante um experimento científico. Na perspectiva do animal, o sofrimento experimentado não possui significado compreensível, pois sua finalidade somente pode ser entendida a partir de um plano de realidade superior, correspondente à dimensão humana. De maneira análoga, Frankl propõe que o ser humano também pode encontrar-se diante de situações cujo sentido ultrapassa sua capacidade imediata de

compreensão, admitindo, portanto, a possibilidade de uma dimensão superior à experiência estritamente humana (FRANKL, 2024).

Essa hipótese, contudo, não representa uma afirmação dogmática acerca da existência do transcendente. Frankl preserva a neutralidade epistemológica da Logoterapia ao reconhecer que os argumentos favoráveis e contrários à existência de uma realidade supra-humana apresentam consistência semelhante do ponto de vista racional. Assim, a adesão à dimensão transcendente não resulta de uma demonstração intelectual, mas de uma decisão existencial livre, característica da experiência religiosa (FRANKL, 2024; XAUSA, 2019).

É nesse contexto que Frankl introduz o conceito de suprasentido, entendido como um sentido último que transcende os significados concretos das situações particulares da existência. Diferentemente dos sentidos específicos encontrados nas diversas circunstâncias da vida cotidiana, o suprasentido corresponde à compreensão global da existência humana, remetendo ao significado último da vida como um todo (FRANKL, 2024).

Segundo o autor, esse sentido derradeiro não pode ser plenamente apreendido por meio do raciocínio lógico ou da investigação científica, uma vez que ultrapassa os limites da compreensão intelectual. A relação do indivíduo com o suprasentido realiza-se por meio da fé, compreendida não como mera aceitação de proposições doutrinárias, mas como uma decisão existencial de confiar na existência de um significado que transcende a capacidade racional de explicação (FRANKL, 2022; 2024).

Sob essa perspectiva, a religiosidade pode ser compreendida como uma expressão da confiança humana na existência de um sentido último. As diferentes tradições religiosas representam, portanto, distintos sistemas simbólicos por meio dos quais o ser humano procura estabelecer relação com essa dimensão transcendente da realidade. Consequentemente, nenhuma religião detém exclusividade sobre essa busca, pois cada tradição constitui uma linguagem própria para expressar a abertura humana ao transcendente (FRANKL, 2022; 2024).

Essa interpretação evidencia que a concepção frankliana da religiosidade ultrapassa perspectivas confessionais ou exclusivistas. Em vez de privilegiar determinada tradição religiosa, Frankl reconhece a legitimidade das diferentes formas pelas quais os indivíduos procuram responder às questões fundamentais da existência. Assim, a pluralidade religiosa não representa um obstáculo à busca de sentido, mas diferentes possibilidades de expressão da mesma dimensão existencial (FRANKL, 2022; 2024).

Por fim, ao discutir o suprasentido, Frankl não abandona os pressupostos científicos da Logoterapia nem transforma sua teoria em uma proposta religiosa. Sua preocupação permanece voltada para a compreensão de um fenômeno essencialmente humano: a busca permanente por sentido. Nesse contexto, a religião constitui uma das possíveis manifestações dessa busca, especialmente quando o indivíduo orienta sua existência para um significado que transcende as circunstâncias imediatas da vida (FRANKL, 2024).

Assim, a religiosidade pode ser compreendida como uma expressão da vontade humana de alcançar um sentido derradeiro para a existência, complementando a busca pelos sentidos concretos encontrados nas diferentes situações vividas ao longo da vida. Por essa razão, Frankl considera que o estudo da religião permanece plenamente pertinente no âmbito da Logoterapia, não porque esta adote qualquer posição confessional, mas porque a experiência religiosa constitui uma das formas pelas quais o ser humano procura realizar sua permanente vontade de sentido (FRANKL, 2019a; 2022; 2024).

A CULPA RELIGIOSA E A CONSCIÊNCIA MORAL

A consciência moral constitui uma dimensão essencial da existência humana e relaciona-se diretamente ao conceito de inconsciente espiritual desenvolvido por Viktor Frankl. Segundo a Logoterapia, é na dimensão noética ou espiritual que se encontra o elemento distintivo do ser humano em relação aos demais seres vivos. Essa perspectiva não desconsidera as dimensões biológica, psíquica e social da pessoa, mas reconhece que a especificidade da existência humana se manifesta na dimensão espiritual, onde se realizam a liberdade, a responsabilidade, a consciência moral e a capacidade de atribuir sentido à própria vida (PEREIRA, 2014).

Sob essa perspectiva, a dimensão espiritual representa o espaço no qual se concretizam a liberdade e a responsabilidade humanas. Não se trata de compreender o indivíduo como alguém determinado por normas morais ou condicionado fatalisticamente pelas exigências da cultura. Ao contrário, a pessoa é entendida como capaz de responder livremente às circunstâncias da existência, assumindo uma posição singular diante das possibilidades que lhe são apresentadas. É precisamente nesse exercício da liberdade que a consciência moral se manifesta, não como imposição externa, mas como expressão da dimensão espiritual da pessoa (JÚNIOR; MAHFOUD, 2001).

Para Pereira (2014), a compreensão do inconsciente espiritual exige uma abordagem fenomenológica capaz de superar a concepção psicodinâmica tradicional do inconsciente. Nessa

perspectiva, a existência humana não pode ser reduzida a processos exclusivamente intelectuais ou psicológicos, pois possui caráter originário, imediato e pré-reflexivo. Trata-se de uma dimensão executiva da existência, na qual a pessoa responde às exigências concretas da vida antes mesmo de submetê-las à elaboração racional. Essa compreensão permite interpretar a culpa religiosa como um fenômeno pertencente à dimensão espiritual da existência, ultrapassando explicações restritas ao funcionamento psíquico.

No âmbito da Logoterapia, a culpa não é compreendida exclusivamente como uma experiência negativa. Frankl a considera um componente constitutivo da existência humana, integrando a denominada tríade trágica, composta pela dor, pela culpa e pela morte (FRANKL, 2023). Longe de representar apenas sofrimento ou condenação, a culpa revela a capacidade humana de reconhecer sua própria responsabilidade diante das possibilidades de sentido presentes em cada situação existencial.

A responsabilidade pressupõe liberdade de escolha e, conseqüentemente, a possibilidade de renunciar a determinados valores ou de agir em desacordo com aquilo que a própria consciência reconhece como significativo. Nesse contexto, torna-se inevitável a experiência da culpa, uma vez que o indivíduo é responsável pelas decisões que assume ao longo da vida. Essa compreensão distingue a consciência moral das normas morais socialmente estabelecidas. Enquanto estas resultam de processos reflexivos, culturais e racionalmente elaborados, aquela constitui um fenômeno primário, intuitivo e pré-reflexivo, por meio do qual o sujeito apreende, em cada situação concreta, a resposta existencial mais autêntica diante das exigências de sentido (MOREIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2006).

Essa distinção aproxima a reflexão frankliana da compreensão existencial desenvolvida por Kierkegaard. Para o filósofo dinamarquês, a existência humana caracteriza-se pela permanente possibilidade de escolha. O indivíduo encontra-se continuamente diante do desconhecido e é chamado a realizar um salto qualitativo mediante decisões que envolvem risco, responsabilidade e incerteza. Nesse contexto, a possibilidade de agir implica igualmente a possibilidade de errar, circunstância que pode ser interpretada pelo próprio sujeito como pecado ou afastamento de seus valores fundamentais (KIERKEGAARD, 2010).

No âmbito religioso, essa experiência adquire contornos particulares. O pecado não deve ser compreendido apenas como a violação objetiva de normas estabelecidas pelas instituições religiosas ou pelas convenções sociais. Sob uma perspectiva fenomenológico-existencial, ele corresponde a uma experiência progressivamente internalizada pela consciência da pessoa.

Assim, o sofrimento decorrente do pecado não depende exclusivamente da quantidade ou da gravidade objetiva dos atos praticados, mas do significado existencial atribuído pelo sujeito àquilo que realizou. Quanto maior a ruptura percebida entre sua conduta e os valores que orientam sua existência, maior tende a ser a intensidade do autojulgamento moral e do sofrimento decorrente dessa experiência (KIERKEGAARD, 2010).

Nesse sentido, a experiência religiosa frequentemente envolve a interiorização de referenciais simbólicos acerca do pecado, da santidade e da conduta moralmente aceitável. Esses referenciais passam a integrar a interpretação que o indivíduo realiza de suas próprias escolhas. Assim, quando determinada decisão é percebida como incompatível com tais valores, pode emergir um processo de autoculpabilização que ultrapassa a mera transgressão normativa e alcança a dimensão existencial da pessoa. Não se trata apenas do descumprimento de uma regra externa, mas da percepção subjetiva de afastamento em relação aos valores considerados fundamentais para sua própria existência (KIERKEGAARD, 2010).

Essa dinâmica aproxima a culpa da experiência da angústia. Inserido em um contexto cultural permeado por crenças, valores e sistemas simbólicos que definem parâmetros sobre o certo e o errado, o indivíduo pode reconhecer que determinada ação representou uma ruptura com aquilo que compreende como moralmente adequado. A perda da inocência decorre, portanto, não apenas da infração objetiva de uma norma, mas do reconhecimento existencial de sua responsabilidade diante da própria liberdade. Nesse sentido, a dimensão noética, responsável por conferir liberdade ao ser humano, também o torna capaz de experimentar a culpa, precisamente porque toda liberdade implica a possibilidade de errar e de responder pelas consequências das próprias escolhas (BISNETO, 2024).

A culpa religiosa pode ser compreendida, assim, como uma modalidade específica da culpa existencial. Diferentemente da culpa decorrente exclusivamente da violação de valores pessoais, ela caracteriza-se pela interpretação de que determinada conduta rompeu também a relação simbólica do indivíduo com o sagrado e com o Absoluto. Sua especificidade reside na atribuição de significado espiritual ao ato praticado e às consequências que este produz na relação da pessoa consigo mesma, com Deus e com os valores transcendentais que orientam sua existência (FRANKL, 2023).

Essa compreensão conduz ao conceito frankliano de noodinâmica, entendido como a tensão constitutiva entre aquilo que o indivíduo é e aquilo que é chamado a realizar. Diferentemente da busca por um estado permanente de equilíbrio psicológico, Frankl considera

que essa tensão é indispensável para a realização do sentido da existência. De um lado encontram-se as condições concretas da pessoa; de outro, os valores e possibilidades que ainda aguardam realização. A consciência moral atua justamente como mediadora dessa tensão, orientando o sujeito em direção à resposta existencial considerada mais autêntica (FRANKL, 2023).

Nesse contexto, pode-se distinguir dois referenciais distintos. O primeiro corresponde às normas morais estabelecidas social, cultural e religiosamente, que orientam o comportamento coletivo. O segundo refere-se aos valores apreendidos pela consciência moral, percebidos pelo indivíduo como autênticos para sua própria existência. Embora frequentemente coincidam, esses referenciais não são necessariamente idênticos. A consciência moral dirige-se à singularidade da situação concreta, enquanto as normas morais possuem caráter geral e universalizante (FRANKL, 2023; MOREIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2006).

Sob essa perspectiva, a culpa existencial não deve ser interpretada exclusivamente como uma experiência de sofrimento. Quando compreendida adequadamente, ela pode constituir um importante recurso para o crescimento pessoal, favorecendo o reconhecimento da responsabilidade, a revisão das próprias escolhas e o realinhamento da existência com os valores percebidos como significativos. No âmbito da religiosidade, esse processo também possibilita a reconstrução da relação do indivíduo com o sagrado, conferindo à culpa um caráter potencialmente transformador. Assim, a culpa deixa de representar apenas condenação e passa a constituir uma possibilidade concreta de reencontro entre a existência vivida e os valores que orientam a realização do sentido da vida (FRANKL, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo permitiu evidenciar que a religiosidade constitui uma dimensão constitutiva da experiência humana, cuja compreensão ultrapassa interpretações exclusivamente institucionais, dogmáticas ou psicodinâmicas. O diálogo entre a fenomenologia da religião de Mircea Eliade, a Logoterapia de Viktor Frankl e a filosofia existencial de Søren Kierkegaard demonstrou que o sagrado, a busca por sentido, a liberdade, a responsabilidade e a consciência moral configuram categorias complementares para a compreensão da existência humana. Enquanto Eliade evidencia a estrutura simbólica do *homo religiosus* e a permanência do sagrado na constituição da cultura, Frankl compreende a religiosidade como uma possibilidade própria da dimensão noética, vinculada à realização de sentido, e Kierkegaard aprofunda a

compreensão da angústia, da culpa e da decisão existencial como elementos inerentes à condição humana. Em conjunto, essas perspectivas permitem compreender a religião como um fenômeno existencial que participa da construção dos significados atribuídos pelo indivíduo à própria vida, preservando a singularidade da experiência religiosa sem reduzi-la a explicações exclusivamente psicológicas ou socioculturais.

No mesmo horizonte, a culpa religiosa mostrou-se uma modalidade particular da culpa existencial, emergindo da tensão entre liberdade, responsabilidade, consciência moral e relação com o transcendente. Longe de representar apenas um mecanismo de condenação ou sofrimento, ela pode assumir um papel transformador ao favorecer o reconhecimento da responsabilidade pessoal, a revisão das próprias escolhas e a reconstrução do sentido da existência. Desse modo, conclui-se que a articulação entre a História das Religiões, a Psicologia Existencial e a Filosofia amplia a compreensão científica da religiosidade como fenômeno complexo e multidimensional, oferecendo subsídios teóricos relevantes tanto para a pesquisa acadêmica quanto para a prática clínica, especialmente no acolhimento das experiências espirituais e dos conflitos existenciais relacionados à culpa, à liberdade e à busca de sentido. Futuras investigações empíricas poderão aprofundar essas relações em diferentes contextos culturais e religiosos, contribuindo para consolidar a interface entre religiosidade, saúde mental e experiência existencial.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de. *A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: articulações entre logoterapia e religião*. São Paulo: Paulus, 2014.

BISNETO, Paulo José da Silva. Uma análise do pecado em Søren Kierkegaard. *Revista Ideação*, Feira de Santana, v. 1, n. 49, jan./jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.13102/ideac.v1i49.10383>. Disponível em: <https://doi.org/10.13102/ideac.v1i49.10383>. Acesso em: 7 jul. 2026.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

COELHO, Humberto Schubert. As duas alternativas da pesquisa em espiritualidade e saúde. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 19, n. 60, p. 998-1014, 2021.

COELHO JÚNIOR, Antônio Geraldo; MAHFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 95-103, 2001.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

EVANS, Jonathan; LESAGE, Kelsey; CORICHI, Moira. *Many Religious "Nones" Around the World Hold Spiritual Beliefs*. Washington: Pew Research Center, 2025. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/>. Acesso em: 7 jul. 2026.

FRANKL, Viktor. *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2022.

FRANKL, Viktor Emil. *A presença ignorada de Deus*. Tradução de Walter O. Schlupp; Helga H. Reinhold. 25. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2023.

FRANKL, Viktor. *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2024.

FRANKL, Viktor. *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor. *O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É Realizações, 2019b.

FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia*. São Paulo: É Realizações, 2020.

FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante, 2019a.

IBGE. *Censo Demográfico 2022: Religiões*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 7 jul. 2026.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *O conceito de angústia*. Tradução de Álvaro Luís Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

LUKAS, Elisabeth. *Logoterapia: a força desafiadora do espírito*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ABREU, Ana Karina Carvalho de; OLIVEIRA, Márcia Cristina de. Moralidade e sociabilidade em Frankl: um norte para superação da violência. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 627-635, set./dez. 2006.

PEREIRA, Ivo Studart. Consciência moral transcendente e experiência religiosa na obra de Viktor Frankl. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 418-432, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-6736.2014.3.19799>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/19799>. Acesso em: 7 jul. 2026.

PETERS, José Luiz. A história das religiões no contexto da história cultural. *Faces de Clio*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 87-104, 2015.

SIQUEIRA, Deis. Religião e religiosidade: indivíduo e sociedade. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 18, n. 34, p. 117-134, 2013.

XAUSA, Iria Afonso de Moura. Religiosidade. In: XAUSA, Iria Afonso de Moura. *O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl*. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2019. p. 127-136.